

CONDICIONAMENTOS SÓCIO-CULTURAIS DO DESENVOL- VIMENTO INDUSTRIAL DO CEARÁ (*)

Neuma Aguiar Walker

A proposição básica deste texto é a de que o principal condicionamento sócio-cultural da industrialização no Ceará está contido na própria teoria de mudança subentendida pelo uso dos conceitos de desenvolvimento industrial. Em outras palavras, a própria maneira de pensar e conceituar o desenvolvimento da indústria em uma determinada área condiciona o processo de industrialização, pois o modo de abordá-lo é insuficiente para explicar o comportamento industrial em locais específicos do Estado.

Análise dos Termos Contidos na Definição do Problema

O tema condicionamentos sócio-culturais do desenvolvimento industrial do Ceará torna necessário analisar uma série de pressupostos nêle implícitos para se poder emitir enuncia- dos sôbre êle. Desenvolvimento industrial conota uma idéia de mudança. Se tomarmos indústria com o significado de um conjunto de técnicas organizadas para a produção, dentro de

(*) Este trabalho foi financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisas e pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro através de uma dotação da Fundação Ford. Uma versão preliminar foi apresentada ao Seminário de Desenvolvimento Industrial do Ceará, patrocinado pela Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade Federal do Ceará, 20-23 de outubro de 1970.

um princípio de cooperação complexa do trabalho, e acionadas por fontes de energia exteriores ao homem, desenvolvimento industrial significa aumento ou melhoria das técnicas proporcionando acréscimo de produtividade.¹ Para se falar a respeito dêsse crescimento é necessário tomar-se um marco de referência inicial. Isso possibilita denotar-se empiricamente a passagem ou mudança de um sistema de produção com tecnologia simples para outro em que a tecnologia é complexa, conduzindo à transformação de um maior número de unidades por hora. Os conceitos de desenvolvimento industrial contêm a proposição teórica de que quanto mais complexa uma determinada técnica empregada, maior o número de unidades produzidas por hora. A complexidade é aquilatada através da comparação de sistemas de organização da produção que usem técnica ou conjunto de técnicas diversas, sendo denotada pelo tipo de energia empregado e pela divisão do trabalho que utiliza. Estudos estatísticos dos efeitos do desenvolvimento econômico adotam indicadores como a quantidade de energia elétrica despendida *per capita*, a proporção da força de trabalho na indústria e o produto *per capita* em uma determinada área.² Esta modalidade de análise permite a comparação dos efeitos da industrialização, porém agrega uma série de atividades industriais, evitando a possibilidade de comparação dos processos tecnológicos de elaboração de um determinado produto.³ Pode-se oferecer como exemplos en-

-
- (1) Para o conceito de indústria e distinção entre êsse e outros modos de produção de acôrdo com a divisão social do trabalho e tecnologia empregadas veja Carlos José da Costa Pereira, "Atividade Artesanal", *Recursos e Necessidades do Nordeste*, Banco do Nordeste do Brasil, Recife, 1964, pp. 441-462. Veja também Etienne Balbar, "Sur les Concepts Fondamenteaux du Matérialisme Historique", *Lire le Capital*, Louis Althusser et al. (eds.), Paris, Maspero, 1967, principalmente pp. 224-235. Para outros conceitos de industrialização e de tecnologia veja Henri Janne, "Les Aspects non Technologiques du Développement Technique", *The Social Sciences, Problems and Orientations*, UNESCO, The Hague, Paris, La Haye, 1968, pp. 67-92.
 - (2) Veja por exemplo Francisco Marinho de Andrade "Desenvolvimento Através dos Pólos", 1.ª Festa do Investidor Cearense, *Correio do Ceará*, outubro de 1970, parte I. Para o uso de outros indicadores: Colin Clark, *The Conditions of Economic Progress*, London, MacMillan, 1957, 3rd ed. e Torcuato S. Di Tella, *La Teoria del Primer Impacto del Crecimiento Economico*, Universidad Nacional del Litoral, Santa Fé, 1965, capítulos I, II e III para o uso de uma variedade de indicadores e discussão das teses de Colin Clark.
 - (3) Para dificuldades envolvidas no uso dêsses indicadores, veja José Artur Rios, et al., *Artesanato e Desenvolvimento, O Caso Cearense*, SESI, CNI, Rio, 1970.

contráveis no Estado do Ceará o artesanato e a industrialização de telhas, sapatos, jóias, fubá de milho, farinha de mandioca, e até mesmo de prensas industriais. Em outras palavras, embora se possa tomar um ponto de referência empírico para se avaliar o efeito da introdução de técnicas mais complexas na manufatura de um determinado produto, em determinado contexto cultural, os estudos sobre desenvolvimento industrial raramente utilizam esse marco. A natureza dos dados agregados que se utilizam para aquilatar o impacto da técnica não permite distinções segundo o tipo de técnica nem segundo a maneira pela qual ele se insere em um sistema de organização da produção.⁴

A expressão "condicionantes sócio-culturais" também possui uma conotação específica e também está introduzida em um contexto teórico. Assim, quando se propõe utilizá-la em relação a um desenvolvimento industrial há o pressuposto de que a força propulsora do desenvolvimento é desviada, mudada de rumo e até mesmo contida pela sociedade e cultura locais. Fatores sócio-culturais interviriam no processo de desenvolvimento incutindo-lhe uma nova resultante.⁵

Quando se propõe o Ceará como área em que se possam estudar os condicionantes sócio-culturais de seu desenvolvimento industrial, pressupõe-se que o relacionamento de forças e a interligação entre as variáveis propostas pelo modelo teórico são aplicáveis a essa área. Surge então um problema de generalização, uma vez que o marco de referência empírico não constitui a realidade social do Ceará como um todo, mas o produto de observações em áreas delimitadas do Es-

pgs. 14-19, e Juarez Rubens Brandão Lopes, *Desenvolvimento e Mudança Social, Formação da Sociedade Urbano-Industrial do Brasil*, Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1968, pgs. 43-48.

- (4) Para uma crítica ao problema da agregação de dados e a falta de distinção de modos de organização da produção veja Torcuato S. Di Tella, *Social Stratifications in Transition*, VIth World Congress of Sociology, Evian, France, 1966, pgs. 1-4, e também *op. cit.*, pg. 63.
- (5) Maria Brandão, "Condições e Problemas da Implantação de Programas Regionais de Industrialização no Nordeste", Projeto Sobral, plano geral, relatório da 1.^a etapa, João José de Sá Parente, coordenador, PUDINE, Univ. Federal do Ceará, 1965. Celso Furtado, *Dialética do Desenvolvimento*, Rio de Janeiro Editora Fundo de Cultura, Rio, 1964, p. 26. Luiz Aguiar da Costa Pinto, coordenador, *Resistências à Mudança, Fatores que Impedem ou Dificultam o Desenvolvimento* Anais do Seminário Internacional, Rio de Janeiro, Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, 1960.

tado, particularmente uma investigação com o artesanato e indústria no Cariri. Um rápido período de estudos em Sobral sugeriu a extensão das conclusões concernentes ao Cariri a outras áreas do Estado.

A Pesquisa no Cariri

O trabalho de campo foi realizado na zona do Cariri cearense compreendida pelos municípios de Crato, Juazeiro e Barbalha. A pesquisadora pretendia tirar partido da existência do sistema de produção que caracteriza a área, em que coexistem atividades industriais e artesanais destinadas à elaboração do mesmo tipo de produtos. Quando uma indústria procura manufaturar produtos que já são artesanalmente produzidos, a disputa de mercado popular redundará na perda das indústrias. Temos o caso inverso do que historicamente ocorreu em alguns países europeus e que é tomado como modelo para a América Latina.⁶ Em lugar da indústria substituir o artesanato, este persiste, embora em condições precárias, enquanto frequentemente a indústria não encontra condições de sobrevivência. Os efeitos da industrialização são superestimados na literatura sócio-econômica.⁷ A universalidade dos efeitos da industrialização é proposta pela maioria dos textos de estratificação social.⁸ Interessada no processo de diferenciação interno produzido por cada modo de organização da produção, a autora encontrou no Cariri o lugar ideal para seu estudo. Foi realizado um trabalho de observação participante durante um período de seis meses, distribuídos entre

-
- (6) Karl Marx, *Capital*, New York, Modern Library, 1906, capítulos XIII e XIV. Max Weber, *General Economic History*, New York, Collier Books, 1961, pgs. 97-148. Émile Durkheim, *De la Division du Travail Social*, Paris, P.U.F., 1967, pgs. XXVI e XXVII. Para uma aplicação ao caso cearense: José Artur Rios, op. cit.
- (7) Clark Kerr et al., *Industrialism and Industrial Man, The Problem of Labor and Management in Economic Growth*, Massachusetts, Harvard University Press, 1960. Alex Inkeles, *Industrial Man: The Relation of Status to Experience, Perception and Value*, *American Journal of Sociology*, vol. LXVI, julho de 1960, pgs. 1-31.
- (8) Bertram Hutchinson, *Mobilidade e Trabalho*, Rio de Janeiro, CBPE, INEP, Ministério da Educação e Cultura, 1960, pgs. 3-16. Alex Inkeles e Peter Rosi, "National Comparisons of Occupational Prestige", *American Journal of Sociology*, LXI, 1956, pgs. 329-339. S. M. Lipset e R. Bendix, *Social Mobility in Industrial Societies*, Berkeley, University of California Press, 1959.

artesanato e industrialização da mandioca, milho e barro. Após o período de observação foram colhidos dados através da aplicação de 250 questionários padronizados. Esses dados foram obtidos entre trabalhadores das instituições destinadas à transformação daqueles produtos. As indústrias observadas, dentre as operantes na área, incluíram tanto integrantes como não integrantes do projeto Asimow. Além de se obterem dados localmente, foram visitadas tôdas as agências relacionadas com o planejamento e financiamento da industrialização do Cariri, onde se realizaram entrevistas não padronizadas sôbre seu trabalho, sôbre o processo de desenvolvimento e sôbre problemas encontrados na área. Essas organizações, embora em alguns casos mantenham escritórios locais, são tôdas entidades extralocais atuando no nível estatal, regional ou federal.

Técnicos e Divisão do Trabalho

A existência de uma comunidade de técnicos que pensou e pensa, financiou e financia, diagnosticou e diagnostica o processo de industrialização de uma área cearense permite, através de seu trabalho, elaborar uma análise da situação que ultrapassa as fronteiras da região estudada.

Os técnicos participam da organização social do trabalho no Cariri, e em outras zonas, formulando estratégias a respeito do desenvolvimento industrial daquelas áreas. A industrialização separa as fases mecânicas das fases intelectuais da produção. As burocracias de planejamento, produto dessa divisão do trabalho, sintonizam-se com a lógica industrial, utilizando mesmo técnicas industrializadas para a sua apreensão. O modelo utilizado pelos técnicos pode ser deslindado; o sistema de representação dêles, seu modo de pensar, pode ser codificado e sistematizado.⁹ Esse modelo, porque destinado

(9) Para a ideologia dos técnicos veja: I. L. Horowitz, "Sociological and Ideological Conceptions of Development", *Three Words of Development*, N. York, Oxford University Press, 1966, pgs. 47-72. Nicos Poulantzas, "L'État Capitaliste et les Ideologies", *Pouvoir Politique et Classes Sociales*, Maspero, 1968, pgs. 210-243. C. W. Mills, "The Problem of Industrial Development", em *Power, Politics and People*, I. L. Horowitz (ed.), N. York, Ballantine Books, 1962, pgs. 150-156.

à promoção industrial, distorce certos fatores, exagera certos aspectos, condicionando a industrialização. Existe um conjunto de valores que representam simbolicamente o papel da introdução das técnicas industriais em uma determinada área e que não dão conta do que realmente lá ocorre em termos do processo de industrialização. Os técnicos que se propõem a promover o desenvolvimento utilizam o modelo da revolução industrial exagerando o seu papel. Urge entender esse modelo, elucidá-lo, para demonstrar que proposições dele extraídas não se aplicam ao processo de industrialização em uma área do interior cearense. Além disso, as proposições formuladas são testáveis e sua verificação pode ser feita em contexto bem mais amplo que o cearense e o nordestino. A crítica sobre o relacionamento entre o planejamento técnico e a industrialização não deve ser confundida com a do grupo de interesse sulista que ataca a industrialização nordestina como uma forma de aumentar a polarização interna, favorável ao Sul do País. Há dentro do Nordeste, também, um processo de polarização que beneficia certas localidades em detrimento de outras. Esse processo, que é tomado como ponto de partida ideal pelos próprios técnicos, precisa também ser apontado.¹⁰

Modelo de Desenvolvimento Industrial Utilizado Pelos Técnicos

Postula-se a existência de dois sistemas em um determinado momento, sendo que um deles está em um estágio de evolução mais alto.¹¹ Os dois sistemas são caracterizados como tipos ideais polares, por exemplo: tradicional e moderno; comunidade e sociedade; "folk" e urbano; prescritivo e aquisitivo; feudal e capitalista; difuso e específico; sagrado e secu-

(10) François Perroux, *Notas Sobre la Noción de Polos de Crecimiento, e A Empresa Motora em uma Região e a Região Motora*, ambos publicados no Seminário sobre Pólos de Desenvolvimento, SUDENE, MECOR, 1966, Aldo de Melo Freire et al., *Os Pólos de Crescimento: Problemas de Teoria e Técnica e Possibilidades de Aplicação no Nordeste*, SUDENE, MECOR, Recife 1966 e Francisco Marinho de Andrade, *op. cit.*

(11) Bert Hoselitz, "Interaction Between Industrial and Pre-Industrial Stratification Systems", *Social Structure and Mobility in Economic Development*, Neil J. Smelser e Seymour Martin Lipset (eds.), Chicago, Aldine, 1966, pgs. 177-193.

lar; rural e industrial.¹² Cada um dêles está integrado, suas dimensões maiores estão relativamente ajustadas, sendo, em geral, propostas três: uma cultural, uma econômica e uma social.¹³ Qualquer alteração na matriz destas tira o sistema de seu estado de integração, uma vez que sejam ultrapassados seus limiares de tolerância. Mudanças no ambiente causam alterações que podem levar seus componentes a romper com seus umbrais, levando o sistema a outro estado de integração.¹⁴ Por exemplo, a presença de um sistema evoluído no ambiente daquele menos evoluído deflagra alterações que o tiram de seu ajustamento. A mudança é ocasionada pelos modos irresistíveis do sistema desenvolvido, que levam o subdesenvolvimento a moldar-se à sua imagem e semelhança. O poderoso sistema de comunicações que o mais desenvolvido possui permite que êste exiba para o subdesenvolvido seu modo de vida. A natureza dessa demonstração pode ser tecnológica, psicológica, relativa a produtos de consumo etc.¹⁵ Membros do primeiro sistema passam a agir como se fôssem do segundo na linha de evolução, e com sua força de vontade e motivação propulsionam a arrancada para o desenvolvimento, ocasionando nova integração em estágio semelhante ao do tomado como modelo. É proposto que tanto a introdução de técnicas quanto a introdução de valores modernizadores pautados no sistema industrial pode ter êsse caráter deflagrador. Um grupo do sistema tradicional passa a liderar seu

- (12) H. Hoetink compilou uma longa lista de tipos ideais polares em "El Nuovo Evolucionismo", *América Latina*, VIII, out.-dez., pgs. 26-42. Para uma crítica ao modelo evolucionista veja Claude Levi-Strauss, *Race et Histoire*, Paris, UNESCO, 1952, *Anthropologie Structurale*, Paris, Pion, 1958, caps. VI, VII e VIII e "The Science of Concrete" em *The Savage Mind*, Chicago, The University of Chicago Press, 1969, pgs. 1-33.
- (13) Bert Hoselitz, "Social Structures and Economic Growth", *Sociological Aspects of Economic Growth*, N. Y., The Free Press of Glencoe, 1960, p. 26. A definição das dimensões e o número delas varia de acordo com o autor.
- (14) Para uma análise crítica desse modelo de mudança: *The Mobilization and Bureaucratization of Brazilian Workers, 1930 — 1964*, tese de Ph. D. apresentada à Washington University, St. Louis, 1969, de Neuma Aguiar Walker. Ernest Nagel, "Teleological Explanation and Teleological Systems", *Readings in the Philosophy of Science*, H. Feigl e M. Brodbeck (eds.), New York, Appleton-Century-Crofts, p. 537, e *The Structure of Science*, New York, Harcourt, Brace e World, 1961, cap. 12.
- (15) Para utilizações recentes desse conceito veja: Guillermo Cumsille e Cláudio Jimeno G., "Efecto Demonstración y Modelos de Desarrollo", *América Latina* 4. out.-dez., 1969, pp. 26-58. Nilson Holanda, "Os Incentivos Governamentais Face às Necessidades do Desenvolvimento Industrial do Ceará", *Correio do Ceará*, loc. cit.

processo de industrialização, possibilitando uma revolução em sua estrutura. Dentro dessa perspectiva encaixam-se os diagnósticos correntes sobre o sucesso ou insucesso industrial, dependendo estes da presença ou ausência de um espírito empresarial.

Uma série de hipóteses de trabalho pode ser derivada desse modelo e testada empiricamente.¹⁶ Minha experiência de pesquisa é de que essas proposições não funcionam quando confrontadas com o que ocorre em áreas do Ceará como Cariri e Sobral.

Proposições Derivadas do Modelo

A industrialização atua no sentido de revolucionar os padrões vigentes de produção.

Em duas áreas do Ceará observou-se a indústria coexistindo com a atividade artesanal, sendo ambas destinadas à confecção dos mesmos tipos de produtos. Frequentemente o artesanato consegue vencer e sobreviver situações que a indústria não enfrenta. Vê-se também o artesanato suprindo indústrias, como olarias fornecendo o material com o qual indústrias cerâmicas são construídas, ou telhas para o acabamento de fornos tipo campanha para cerâmicas. Há até donos de cerâmicas que mantêm olarias. Vê-se também o processo de produção industrial transformar-se apenas em parte, permanecendo atividades artesanais na indústria com a utilização de instrumentos de produção do artesanato.

A industrialização altera profundamente a estrutura de renda em uma dada região: propõe-se como efeito da industrialização a formação de uma pequena classe média. Espera-se que os efeitos da industrialização se propaguem, propiciando a ampliação do mercado local para os produtos industrializados.¹⁷

(16) Celso Furtado, *Dialética do Desenvolvimento*, Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura, 1964, pg. 25.

(17) As modificações na estrutura de renda acompanhando a industrialização são propostas para o longo prazo: Simon Kuznets, "Economic Growth and Income Inequality", *American Economic Review*, XLV, março, 1955, pgs. 1-28.

Comparando seis cidades brasileiras tanto do Nordeste, quanto do Sul,

Vê-se, ao contrário, em muitas indústrias, padrões de assalariamento pouco melhores que os rurais e artesanais. Outras vezes a camada beneficiada é tão pequena que não pode constituir mercado local que sustente as indústrias geradas na área. O resultado é a procura da comercialização dos produtos industriais ou no exterior ou em centros populosos do litoral, pouco afetando as localidades onde são produzidos. A industrialização local encontra sucesso apenas quando se volta para a elaboração de produtos mais finos e caros, que encontram saída exatamente nos centros do litoral, onde a classe média se concentra. Como êsses centros são poucos, acentua-se a polarização interna, da mesma forma que se acentua a estratificação social, a diferenciação de renda, com a conseqüente especialização do consumo de cada estrato. Por exemplo, todos os tijolos e telhas da casa dos operários de uma cerâmica foram adquiridos em olarias. Os pressupostos de um populismo industrial são refutados pela realidade interiorana cearense.¹⁸

*A industrialização modifica os padrões de estrutura familiar.*¹⁹

O que se vê é, ao contrário, a utilização dos padrões familiares vigentes pela indústria. A família é utilizada como sistema de controle social das fábricas, ou favorecendo um

Roberto Cavalcanti de Albuquerque conclui que há correlação positiva entre renda média e população industrial per capita nestas cidades; *Desenvolvimento Industrial e Distribuição de Renda, A Experiência Brasileira*, Recife, 1970, manuscrito. A distribuição de renda segundo frações da população, em cidades nordestinas, é desigual, qualquer que seja seu grau de industrialização: Hélio Augusto Moura e Hermínio Ramos de Sousa, *Distribuição e Níveis de Renda Familiar no Nordeste Urbano*, Fortaleza, BNB, 1969. Aspectos Gerais da Economia do Jaguaribe, Fortaleza, BNB, 1966 mostra que o setor industrial da região, voltado para a transformação de produtos agrícolas, proporciona baixos salários. O estudo manifesta a esperança que um maior grau de industrialização e diversificação industrial modificaria a estrutura de renda da área.

- (18) Para uma crítica no mesmo sentido face mudanças estruturais recentes ocorridas no Brasil, veja: João José de Sá Parente, coordenador, *Relatório, 1962-1966*, FUDINE, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1967.
- (19) A formação de uma pequena família nuclear como conseqüência da revolução urbano-industrial é questionada por Sidney Greenfield. O autor propõe alternativamente que na Europa e E.E.UU. este tipo de família já existia antes da constituição do sistema social que cresceu em volta da tecnologia

padrão de relacionamento personalista entre empregados e a linha hierárquica de supervisão. Os empregados das fábricas constituem uma rede de parentesco, muitas vezes descendentes de empregados dos ascendentes familiares do dono ou dos diretores da empresa. Também entre diretores, e mesmo entre acionistas das sociedades anônimas há redes de parentesco. A indústria mantém os padrões que eram ditos tradicionais. No lugar do surgimento de uma nova camada, há a persistência como elite industrial de uma elite que já era rural ou comercial.²⁰

*A industrialização modifica o papel da mulher na sociedade conferindo-lhe uma posição social mais alta.*²¹

Se a estrutura familiar não é modificada pela industrialização, a mulher, que nos sistemas de produção doméstico, rural e artesanal possui posição inferior à do homem, continua a tê-la na indústria. A divisão do trabalho, quer em função dos sexos ou de gerações, e cuja maior fonte de produtividade é a força física, confere àqueles com menor capacidade produtiva posição social inferior. Com a energia produtiva se exteriorizando ao homem há possibilidade de mulheres realizarem as mesmas tarefas produtivas que ele, porém estas continuam a perceber menor salário.

de máquinas: "Industrialization and the Family in Sociological Theory" *American Journal of Sociology*, LXVII, novembro, 1961, pgs. 312 — 322. Compare com a visão de Rubens Vaz da Costa, *Crescimento Demográfico e Desenvolvimento Econômico, o caso brasileiro*, Fortaleza, BNB, 1969, e *O Crescimento Demográfico do Nordeste e o Desenvolvimento Nacional*, Fortaleza, 1970.

(20) David Maybury-Lewis vem desenvolvendo uma pesquisa sobre Elites Industriais e Parentesco em Recife, que apóia esta hipótese.

(21) Nilson Holanda, *Introdução à Teoria do Desenvolvimento Econômico*, BNB, p. 90. Compare com o texto de Woortmann:

"... a simples consideração do montante absoluto de mulheres que vêm, gradativamente, se incorporando à força de trabalho não é suficiente para oferecer o quadro completo de seu processo de profissionalização e muito menos de sua "emancipação" na sociedade. Tais dados, tomados isoladamente, poderiam levar a uma correlação ingênua entre urbanização e status feminino. Torna-se necessário também identificar o conteúdo diferencial das ocupações predominantemente masculinas ou femininas. Estas últimas tendem a ser qualitativamente diversas das que não competem seriamente com a posição social do homem..."

Klaas A. A. Woortmann, "A Mulher em Situação de Classe", *América Latina*, 8, 3, julho-setembro de 1965, pg. 71.

Em duas fábricas que empregavam mulheres, estas recebiam salários menores que os dos homens. Em uma delas, quando havia escassez de trabalho, as mulheres eram as primeiras a serem dispensadas. Em outra, na seção de prensas, em que homens e mulheres trabalhavam em conjunto, havia um sistema de incentivos para homens, e não para mulheres. Quando se pensou em estabelecer estímulos para a produção feminina, em lugar de prêmios salariais progressivos até um determinado limite como os existentes para os homens, propôs-se oferecer cortes de fazenda para vestidos como prêmio de produção. No artesanato de farinha as mulheres recebem sistematicamente menos que os homens. Os trabalhos de prensagem e torrefação são os melhores remunerados e constituem atividades masculinas. Ao contrário das fábricas, a prensagem depende de força muscular e a torrefação depende de resistência física. O trabalho masculino geralmente é remunerado por produção, enquanto o feminino por diária.

*Atividades industriais e agrícolas são caracterizadas por tipos de organização opostos, a simples introdução das primeiras servirá para alterar profundamente as práticas das segundas.*²²

O que se vê é, ao contrário, um conjunto de atividades agrícolas que condicionam a atuação da indústria por sua baixa produtividade e caráter sazonal, comportamentos êsses que são propagados para a indústria dedicada à transformação dos produtos daquelas. O estabelecimento de maquinaria moderna com alta capacidade transformativa é insuficiente para a resolução da crise agrícola. O que freqüentemente ocorre é a baixa utilização da maquinaria, e eventual crise e fechamento de indústrias.

Duas modernas indústrias de transformação de milho na

(22) O primeiro plano diretor da SUDENE esperava que a atividade industrial estimulasse a transformação da agricultura, I Plano Diretor, 1961-1963, Recife, SUDENE, 1966, pg. 151. O último plano é bem mais cauteloso em sua avaliação do impacto da industrialização. Isso se deve à crise das indústrias têxteis e açucareiras, e à incapacidade da industrialização de solver os problemas de subemprego e desemprego, IV Plano Diretor, 1969-1973, Recife SUDENE, 1968, pgs. 58-63 e 91-93.

área fecharam suas portas. Uma delas, em três meses de atividade, permaneceu fechada durante dezenove dias úteis de trabalho. Enquanto a fábrica almejava a produção diária de 2 000 kg de fubá, prontos para entrega, em um dia apenas conseguiu aproximar-se do nível ideal de produção e em apenas oito obteve produção igual ou ligeiramente superior à metade da produção considerada ideal.

O sentido da industrialização depende em última instância do papel do empreendedor, herói inexistente em sistemas de produção "primitivos".

Em cada modo de organização da produção, ao contrário do proposto, existem aquelas pessoas que encarnam os valores do sistema.²³ Mesmo naqueles menos complexos há inovadores que, dentro dos recursos que possuem, introduzem modificações técnicas e administrativas, propiciando alta acumulação.

A pesquisa revelou donos de casas de farinha e de olarias conseguindo tornar-se prósperos através de controle da qualidade e da manipulação de laços de parentesco e relações políticas para a colocação de seus produtos no mercado. Em outro caso, onde havia uma cerâmica estabelecida em uma fazenda, sendo ambas administradas por um feitor com educação escolar quase nula, foram instituídos controles de produção até então inexistentes, com a contratação de pessoas de melhor nível de educação. Isso possibilitou assegurar contratos de produção de tijolos para uma fábrica do Sul instalada na área e para duas construções de prédios para burocracias nacionais que lá se estabeleciam. A introdução dos novos controles permitiu a entrega do material em dia e a obtenção de novos contratos. No artesanato local, custos eram analisados, e riscos deslocados da responsabilidade do pro-

(23) Para uma crítica semelhante veja Celso Furtado, "A Teoria do Empresário", Teoria Política do Desenvolvimento Econômico, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1969, pgs. 43-50.

prietário para a dos trabalhadores através do regime de remuneração por produção.²⁴

Para cada tipo de organização da produção há um papel de empreendedor que lhe é característico. Já que há essa possibilidade de variações, é necessária uma especificação maior das variáveis que constituem o papel do inovador.

Sumário e Conclusões

Há situações bastante semelhantes que aproximam os sistemas de organização do trabalho rural, artesanal e industrial, de tal forma que não é possível falar-se em uma revolução industrial no Ceará, e pela evidência de outros estudos fora dessa área, no Brasil.²⁵ Ao contrário do modelo europeu, existe uma série de continuidades entre as diversas formas de organização da produção. Para que haja uma transformação radical é necessário um projeto de mudança que ultrapasse as limitações da mera introdução de técnicas. Em lugar de alterações radicais, pelo pequeno tamanho das populações que afeta, a introdução de técnicas industriais tem reforçado a persistência de padrões técnicos não industriais. A população não afetada pela industrialização se ocupa de atividades produtivas geralmente consideradas pré-industriais, mas que são propiciadas exatamente pela pouca capacidade absorvedora da indústria.

A verificação da falta de generalidade das proposições derivadas do modelo evolucionista pode ser facilmente realizada em outras partes do Estado do Ceará. Tanto essas proposições quanto as alternativas sugeridas são facilmente constatáveis. Podem ser realizadas através de atividades de pes-

(24) Esse mecanismo de deslocamento de riscos em relação à agricultura foi analisado por Roger Walker em *Produção, Comércio e Crédito na Agricultura Primitiva: O Caso do Algodão no Nordeste Brasileiro*, apresentado no Seminário de Avaliação, Pesquisa sobre Desenvolvimento Regional Comparado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, agosto, 1970.

(25) Outras evidências fornecidas pelo trabalho de Moacir Palmeira, *Nota sobre a Proletarização do Trabalhador Rural no Nordeste*, a ser publicado, e Juares R. B. Lopes, *A Crise do Brasil Arcaico*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.

quisas elaboradas por cientistas sociais, principalmente sociólogos e antropólogos. Essas pesquisas poderiam ser contratadas com a Universidade local e financiadas pelas entidades interessadas na industrialização do Estado. Este tipo de pesquisas, por utilizar principalmente técnicas de observação participante e eventualmente questionários, poderá custar muito pouco às entidades financiadoras. Permitirá, no entanto, àqueles que se apegam firmemente à idéia da industrialização como ponto de partida principal, uma visão mais realista a respeito da organização social de atividades de trabalho com baixa produtividade. Visão essa não só dos insucessos, mas também dos sucessos, ao enfrentarem tais atividades problemas ecológicos e de comercialização de produtos. Possibilitará também uma perspectiva mais crítica a respeito de atividades planejadas para alta produtividade. Poder-se-á ter uma codificação dos casos de insucessos e um diagnóstico mais geral e menos mítico sobre os efeitos da industrialização. A importância pode ser tanto maior quanto se possa superar o tipo de explicação que se confere aos casos de fracasso industrial, tido como consequência da falta de espírito empresarial. Como essa interpretação é usada da forma mais livre possível, geralmente constitui apenas uma grosseira tautologia, maneira de evitar um diagnóstico estrutural, e de desvincular-se das responsabilidades consequentes da carência de explicações para o problema. A realização de pesquisas sobre a organização social do trabalho no Ceará permitirá, também, àqueles que são mais céticos sobre o papel solitário da industrialização no desenvolvimento social do Estado, a formulação de alternativas menos limitadas de mudança, visando um enfoque múltiplo do problema e mais radical que o da perspectiva até agora proposta. Isso tornar-se-á possível desde que haja desvinculação entre atividades de pesquisa e atividades das entidades financiadoras. Tal desvinculação seria viável através de um sistema de bolsas nos moldes da Fundação do Amparo à Pesquisa. Isso abriria o diálogo sobre o modo de produzir conhecimentos técnicos relativos à produção e o desenvolvimento industrial.